



Programa **CRIANÇA SEGURA** na Escola



Livro do Aluno
3ª e 4ª séries



Uma História Contada a Três Vozes e Oito Capítulos



Escrita por
Cléo Busatto

Ilustrada por
Daniel Garson Cabral

Para
Pedro

IESDE

Inteligência Educacional
e Sistemas de Ensino

Ie7 IESDE Brasil S.A.

Programa criança segura na escola/IESDE Brasil S.A. — Curitiba, 2004.

5 v. – (v. 1 – Livro dos Pais; v. 2 – Livro dos Professores; v. 3 – Livro do Aluno: educação infantil; v. 4 – Livro do Aluno: 1a. e 2a. Séries; v. 5 – Livro do Aluno: 3a. e 4a. Séries).

ISBN: 85-7638-071-4

1. Educação. 2. Escolas – Segurança. I. Título.

CDD 378.145

Coordenação de conteúdos

Elizabete dos Santos
Solange M. S. Demeterco

Elaboração das atividades

Clio Moura Tavares
Daniela Haetinger
Isis Moura Tavares
Luis Alberto Flores Lucini

Ilustrações das atividades

Aline G. S. Scheller
Sidney Douglas Merizzio

Diagramadores

Andrey Wasilewski
Monica Ardjomand
Roberta Ferreira de Mello
Suzana Nievinski
William Marlos da Costa

Revisão

Camila Figueiredo de Freitas
Roanita Dalpiaz

Capítulo 1



Olá, meu nome é Pedro. Quero contar um segredo pra vocês, e que fique entre nós, tá bom? Isso aconteceu um tempo atrás. Pouco tempo atrás. Foi assim:

Eu estava superatrasado. Ia pro futebol. Convenci o meu pai e a minha mãe que já dava pra ir sozinho. Poxa! Todos os meus amigos faziam isso. Eles iam rir de mim se eu chegasse com “papai”, né?

No caminho que vai da minha casa ao campo de futebol, tem uma avenida, uma via rápida, dessas onde

os carros não param nunca. Pra atravessar, a gente tem de se arriscar no meio do trânsito, ou ir até o semáforo, que fica a uns trezentos metros do meu caminho em linha reta.

Eu prometi aos meus pais que só atravessaria na faixa de pedestre. Mas nesse dia eu estava atrasado. Sabe como é! Eu ia na maior pressa, na corrida mesmo. Ao chegar à avenida, parei pra ver se vinha carro. Nenhum carro à vista. Já ia passar direto, quando senti uma coisa tocando no meu braço direito.

Foi a primeira vez que aconteceu.

Alguém tocou o meu ombro. Parei. Olhei pro lado: ninguém. Tocaram no outro ombro. Virei pro outro lado: ninguém. Nessas alturas já havia passado um monte de carros. Fiquei intrigado. Outro toque, depois outro e outro.

“Pô! Que é isso? Parece assombração” – pensei.

Foi então que me vi. É isso mesmo. Juro! Eu me vi, minúsculo, sentado no meu ombro direito. Eu tinha uma cara feia, os cabelos espetados e uma cara de cão raivoso. Até parecia a Lua, minha cachorra, quando está brava. Levei um susto. Virei pra esquerda, e lá estava outro eu, também minúsculo, mas com uma cara sorridente e feliz, com a cabeça repousada no pescoço.

Poxa! Eu não tava sonhando, não. Tava bem acordado. Via tudo o que acontecia na rua, mas via,

também, os dois de mim. Pro meu espanto, eles começaram a discutir. Um dizia:

– Vai, Pedroca, passa, cara. Tá com medo, fracote?

O outro:

– Pedro, calma. Olha o perigo que é esta avenida. Anda mais um pouco, larga mão de ser preguiçoso.

Um irritado:

– Deixa disso e passa logo, o carro tá tão longe, dá pra atravessar mil vezes.

Outro tranquilo:

– Pensa. Pensa antes de passar na louca. Você já é grande e tem noção do perigo. Já imaginou um atropelamento na velocidade que estes caras vêm? Não sobra nenhum de nós pra contar a história.

O atirado:

– Não ouve este trouxa, não! Lembra que o futebol já tá começando, cara. Passa logo.

E o minúsculo sorridente, na maior paz:

– Pedro, lembra da conversa com seus pais. Eles acreditaram em você, e agora você vai quebrar essa confiança por uma tolice? Se chegar atrasado, paciência. Da próxima vez, acorda mais cedo.

Que coisa, viu! Eu estava ali, só olhando, de um lado pra outro, de boca aberta, vendo aqueles dois minúsculos discutindo. Foi então que o meu primo apareceu dizendo que ia pra aquele lado: pros lados do campo de futebol.

Sáímos andando, juntos, conversando sobre música. Às vezes, eu espiava pros meus ombros, e eles continuavam lá. Gesticulavam, como se estivessem numa conversa empolgante. Perguntei pro Gustavo:

– Tá vendo alguma coisa no meu ombro?

– Nada.

E assim, na boa, chegamos ao semáforo. Sinal vermelho pros carros: todos pararam. Sinal verde pra nós: atravessamos na maior calma. Em segurança. Senti um alívio.

No meu ombro, eu, minúsculo e de cara feliz, dava um sorriso de vencedor pro eu de cara feia. E foi assim que aconteceu o meu encontro com os dois de mim.

Esse era o segredo.

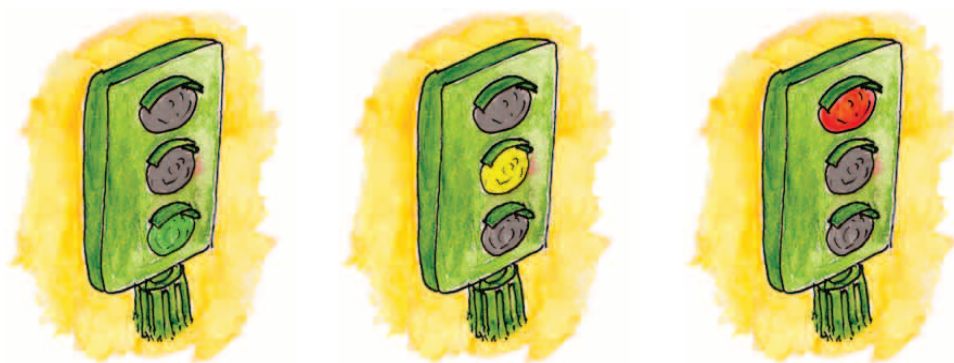


É Hora das Atividades!

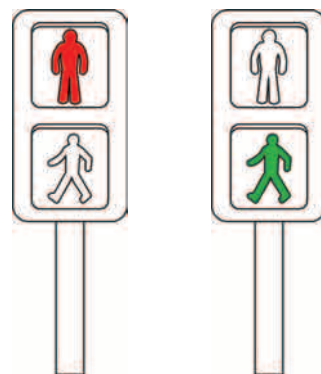
- 1) Juntem-se com mais dois amigos e releiam a história do Pedroca. Discutam juntos: quem eram os dois Pedrocas pequeninhos? O que eles representavam? Vocês já ficaram na dúvida se deviam ou não fazer alguma coisa?

Agora, vocês vão confeccionar três fantoches.

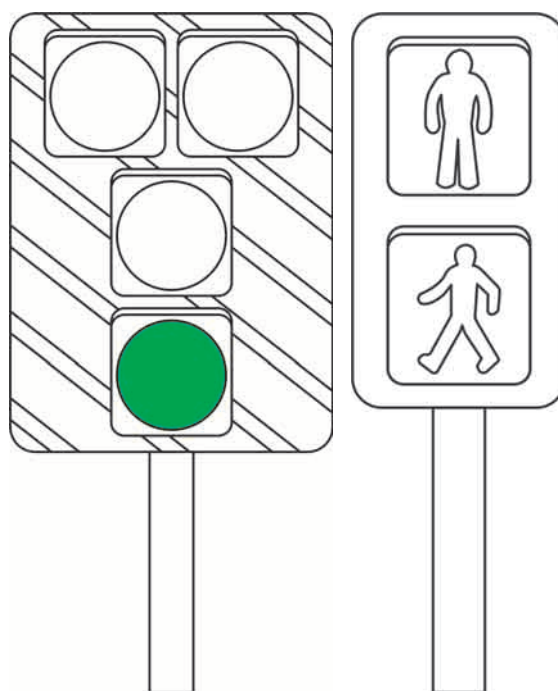
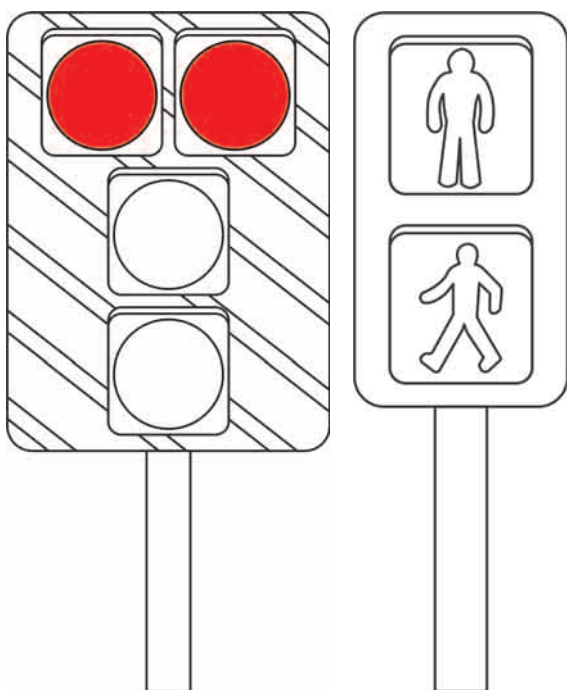
- 2) Na rua, existem muitos símbolos para nos orientar, e vocês já devem conhecê-los muito bem! Existem placas, traços no asfalto, faixas de pedestre, semáforos... É preciso não os confundir! Aquele semáforo que fica lá no alto e tem bolinhas de três cores (uma vermelha, uma amarela e uma verde), é o sinal para os carros.



Mas também existe o sinal para pedestres, que fica nas calçadas das esquinas, na direção das faixas de pedestre.



Conversem com a turma e com seu professor e pintem como estará o semáforo de pedestres quando o semáforo dos carros estiver como nas ilustrações:



- 3) Vocês já conheceram alguém que tenha sido atropelado? É uma coisa horrível! Precisamos sempre estar muito atentos para evitar esse tipo de acidente. O professor lerá para vocês um texto sobre o problema do atropelamento, e depois vocês farão um cartaz.
- 4) Via dupla
- Vamos jogar “Via Dupla” e ver quem está esperto para atravessar uma grande avenida.

Capítulo 2



Um dia desses, meu pai acordou com vontade de passar o domingo na praia e experimentar seu carro novo na estrada. Minha mãe dizia:

– É gente demais pra pouco carro, Tião.

Meu pai fazia as contas:

– Cabe direitinho, quer ver só? Eu e você no banco da frente; atrás vai o Pedro, as duas meninas são pequenas mesmo, e o seu pai.

– A Maria nem tem cadeira de segurança, Tião!

Eu e minhas irmãs fazíamos festa, isso animou minha mãe, que acabou concordando. E lá foi o meu pai socar as 22 sacolinhas que ela insistia em levar. Dizia:

– Esta é a da farofa... esta a do frango... esta a dos panos de prato... dos copos... dos garfos... da salada... do tomate e do pão; esta a dos remédios pra dor de estômago, dor de barriga, dor de cabeça, pra asma, pra disenteria; esta é a das bonecas da Maria, esta a dos livros da Betinha; esta é a dos biquínis, esta a do bronzeador...

Meu pai socava também o guarda-sol, cadeira de praia, frescobol e o isopor com bebidas. Até parecia uma mudança. Foi então que eles apareceram. Eles, os Minúsculos.

Um dizia:

– Agora vai, seu Tião, soca as pessoas dentro deste carrão. Ô, Pedroca, fala pro seu pai levar o cachorro também.

O outro rebatia:

– Pedro, fala pro seu pai não fazer esta loucura. É superlotação, isso não vai dar certo. Se a polícia rodoviária pegar, é multa na certa. Não tem nem cinto de segurança pra todo mundo!

Achei que aquilo tava certo. Eu não havia pensado nisso antes. Resolvi falar:

– Pai, não cabe todo mundo neste carro. Posso ir de ônibus com o vovô? Não tem nem cinto de segurança pra todo mundo.

Meu pai:

– Não se preocupe, meu filho, a praia é pertinho, e a gente vai devagar, passeando, ninguém tem pressa, não é? Quer ver? Você e vovô dividem um cinto, e suas irmãs dividem o outro. Não tem por que temer. Não confia mais no seu pai?

– Claro que confio, é que... eu tava pensando...

E o Minúsculo cara fechada:

– Tá vendo? Preocupando-se com bobagem, garoto, seu pai sabe o que faz.

E o Minúsculo sorridente:

– Fica quieto, quem tá falando bobagem é você. Não percebe que esta família corre perigo? O Pedro está certo. Neste carro não cabe toda esta gente. Eu é que não vou.

– Pois fique. Praia, sol, onda. Não vai levar a prancha, garoto?

Finalmente partimos. Meu pai é bem calmo pra dirigir. O problema é que nem todos são.

Estávamos quase chegando à praia, quando um carro bem veloz tentou nos ultrapassar. Nesse exato momento, outro carro, que vinha na direção contrária, avançou na

nossa pista. Foi o tempo de o meu pai jogar o carro no acostamento. Com aquele movimento brusco, minha irmãzinha escorregou por baixo do cinto de segurança e acabou machucando a boca.

Vi o Minúsculo cara feia pulando no meu ombro e rindo sem parar. Fiquei muito bravo. Ora, aquilo não era hora pra fazer gracinha.

Minha mãe, muito nervosa, reclamou:

– Olha, Tião, o Pedro estava certo. Este carro está pequeno pra nossa família. E estas crianças não podem viajar sem segurança. Nem elas, nem a gente. Olha o papai... tadinho... tá branco... que perigo!

Puxa, fiquei todo orgulhoso. Minha mãe me dando razão, e meu pai, que é todo teimoso, falou:

– É. Acho que o Pedro volta de ônibus com o avô. E a gente trata de comprar um ônibus, né?

Naquele momento, começamos a rir, e a viagem continuou.



É Hora das Atividades!

- 1) Viram como o Pedro ficou todo feliz porque ele estava certo? O carro do seu pai era realmente muito pequeno para todos eles! Vamos fazer uma atividade sobre os cuidados que se deve tomar antes de viajar?
- 2) Com certeza, vocês já ouviram dizer que lugar de criança é no banco de trás com o cinto de segurança.
Também já sabem que muitas crianças morrem ou ficam com seqüelas muito graves por sofrer acidentes de carro.
Agora, com a ajuda do professor, vocês vão ter de passar essas informações por meio de um programa de rádio: A RÁDIO SEGURANÇA!
- 3) Vocês já perceberam quantas pessoas andam de carros sem usar o cinto de segurança? E crianças, então? Vira e mexe a gente vê crianças andando de carro soltas no banco de trás! Hoje, vamos fazer uma pesquisa sobre esse assunto.
- 4) Corrida com obstáculos
Vocês já sabem que devem sentar no banco de trás do automóvel e com cadeirinha e cinto de segurança. Agora, vamos fazer uma corrida com obstáculos para vocês mostrarem aos colegas o jeito certo de passear de carro.

Capítulo 3



Certo dia, eu combinei de fazer uma aventura de bicicleta com meus amigos. Era pra ser uma aventura do bem. A gente ia pegar um caminho bem tranquilo e sem carros. Minha mãe até concordou, e eu estava me preparando para encontrar com a turma, quando surgiram dois outros companheiros: o Minúsculo cara feia e o Minúsculo sorridente. É sempre assim: eles aparecem, e eu perco a certeza das coisas.

O Minúsculo sorridente dizia:

– Então vamos passear de bicicleta? Cadê os nossos capacetes?

Dizendo isso, ele tirou um capacete da minúscula mochila que levava nas costas. Morri de ri. Claro que o Minúsculo cara feia não deixou pra menos:

– Cara careta. Não vai colocar uma armadura também? Vam’bora. Larga mão de capacete, Pedroca.

Eu também achava uma bobagem essa história de capacete. Mas Minúsculo sorridente alertou:

– Não pode, Pedro. Você sabe muito bem disso. Se bater a cabeça no chão, é fatal.

– Não seja boboca, cara. É um passeiozinho inocente. Capacete só atrapalha. O suor escorre, esquentando a cabeça – me atentou o cara feia.

– Coloca o capacete, Pedro – continuava o sorridente.

– Não precisa. Vam’bora que tá tarde – dizia o cara feia.

– Ou você coloca, ou eu não vou – ameaçou o sorridente.

– Pois fica – gritou no meu ouvido o Minúsculo cara feia.

Nisso passou o Juca, e eu fui. Nem lembrei de capacete. Os dois se agarraram nas alças da minha mochila, e saí em disparada. Eu sou um bom ciclista. Tenho equilíbrio e faço manobras radicais. Os dois

minúsculos quase entravam no meu ouvido, e não me davam descanso:

- Corre mais!
- Vá devagar!
- Aceleeeeera!
- Diminui a velocidade, olha a curva!
- Corre, corre...
- Curte o passeio, garoto.
- Curte a velocidade, garoto.

Eu e o Juca no maior pique, quando... eu nem percebi! Aquilo não era pra estar no meu caminho. Um buraco... um buraco enorme. Não deu tempo de desviar. Eu levei um baita tombo e fiz um corte na cabeça e ralei o joelho. O Juca veio me ajudar. A dor era muita, e percebi que eu havia quebrado alguma coisa. Procurei pelos dois de mim, mas eles não estavam por lá. Eu não conseguia mais pensar em nada. Acho que desmaiei. Quando acordei, eu estava no hospital, com o ombro engessado. Quebrei a clavícula e bati forte a minha cabeça. Foi muito ruim. Muito ruim. O pior foi ter de ouvir mais tarde o Minúsculo cara feia dizer:

– Cara maluco, nem enxerga o que tá na frente do nariz. Quase arrebenta comigo.

O Minúsculo sorridente tentou me animar dizendo:

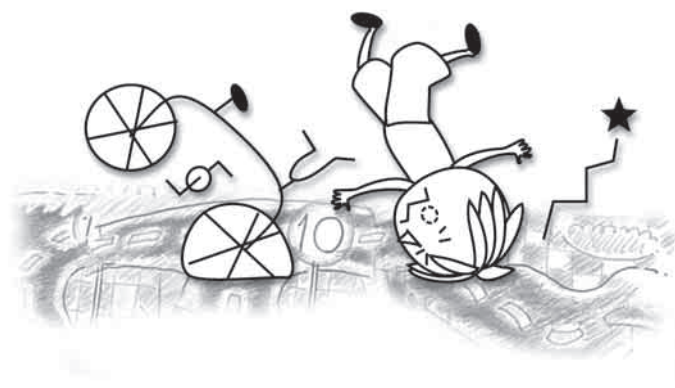
– Acontece. Agora, se tivesse usando capacete...

Sei lá! Só sei que aquilo doeu muito. O cara do hospital falou que eu tenho de fazer exame da cabeça

daqui a um tempo, outra vez, que é pra ter certeza de que está tudo bem com ela.

O machucado do joelho foi fácil, foi só lavar, tratar para não infeccionar e cobrir.

Foi o meu primeiro tombo pra valer. Foi um tombo daqueles.



É Hora das Atividades!

- 1) Vocês sabiam que uma batida forte na cabeça pode matar ou deixar a pessoa com alguma seqüela? Não é brincadeira, não! Usar o capacete é fundamental para garantir a nossa segurança. Que tal fazermos um capacete? Vamos lá!
- 2) Hoje, vamos terminar os nossos capacetes. Vocês acham que eles estão parecidos com os capacetes de verdade?
- 3) Agora, vamos confeccionar um jogo bem legal para entendermos como se deve andar de bicicleta.
- 4) Jogo teatral
Vamos brincar de fazer teatro e mostrar todo nosso talento aos colegas?
- 5) Cuidar não dói
Vocês sabem o que devemos fazer para limpar o ferimento quando nos machucamos?
É muito importante saber cuidar de um pequeno corte ou uma esfoladura! Vamos aprender a fazer um curativo?

Capítulo 4



E naquele domingo... praia, sol, água geladinha.

No guarda-sol, só ficou o meu avô. Minha mãe foi pra beira do mar com minhas irmãs, e eu fui jogar futebol com o meu pai. Tempo depois, meu pai encontrou uns amigos e saíram para conversar. Resolvi pegar umas ondas. O mar estava um pouco agitado, mas nada que desse medo.

Minha mãe, vira e mexe, gritava:

– Volta, Pedro! Fica no raso!

Imagina o mico, pegar onda no raso. Que graça tem? E lá ia eu. Cada vez pegando uma onda maior. Eu estava me divertindo. Até conheci uns meninos, que moram por lá. Eles são feras. Arrasam no mar. E eu fui na cola deles. Não demorou pros dois de mim aparecerem.

Eu lá... furava onda, nadava mais um pouco... furava onda, nadava mais um pouco.

O Minúsculo cara feia parecia um macaco nos meus ombros. Pulava sem parar e gritava:

– Aí, Pedro... lá vem outra... vamô lá... fura esta... mais pro fundo que aí dá pra pegar aquela grandona... radical, cara... radical...

O Minúsculo sorridente, o minúsculo do bem, não estava tão animado. Agarrava-se nos meus cabelos e cochichava no meu ouvido:

– Calma, Pedro, calma! Você tem o dia inteiro, a vida inteira pra brincar no mar. Não se arrisque tanto... glub... glub... glub...

O coitadinho engoliu um pouco de água, mas nada que desse medo.

E lá vinha onda! O Minúsculo do bem entrava no meu ouvido e fechava o nariz pra água não entrar. Quando eu terminava de mergulhar, ele esbravejava:

– Pedro enlouquecido, você vai nos matar... glub... glub... glub... chega. Pedro, me leva pra fora.

O Minúsculo cara feia:

– Olha a onda, mais pro fundo... glub... glub... mais... glub... glub... mais...

O Minúsculo sorridente:

– Eu não agüento mais... estou sem forças... glub... glub... glub... Pedro, vamos sair da água... glub...

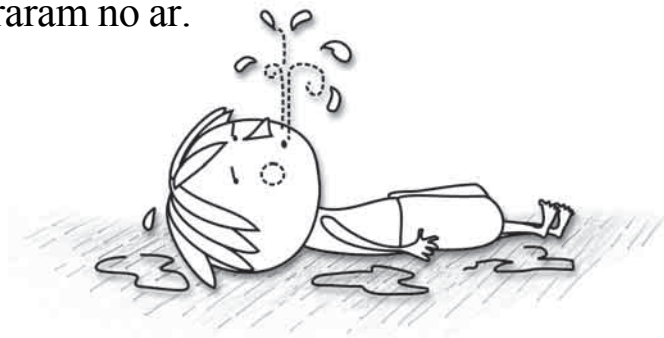
O Cara feia:

– Que nad... glub... glub... bobag... glub... glub...

O Sorridente sacudiu os bracinhos. Tudo estava ficando confuso à minha volta. Os dois de mim pulavam no meu ombro. Eu só via água à minha volta, um mar de tanta água. Eu afundava e voltava pra superfície, e aquela água toda...

Quando dei por mim, estava deitado na areia. Muita gente em pé, ao meu lado. Minha mãe chorava, meu pai gesticulava, e os dois de mim, sentados na minha barriga, um de costas para o outro, olharam para mim com umas caras assustadas e evaporaram no ar.

Eu tinha me afogado.



É Hora das Atividades!

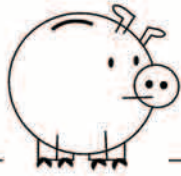
- 1) É, muitas pessoas se afogam mesmo sabendo nadar. Acontece que, quando não conseguimos respirar tranquilamente, a gente se desespera e acaba se afogando. Todo o mundo já ouviu falar em alguém que já se afogou! Vamos escrever um texto sobre esse assunto?
- 2) Vocês já fizeram suas entrevistas e trouxeram as respostas para a escola. Preparem-se para mostrar para os seus colegas as respostas que os entrevistados deram e vamos fazer um cartaz.
- 3) No início dos tempos, o Homem entrava sem roupa na água, mar ou rio, para tomar banho, como fazem atualmente muitas tribos indígenas. Mas as roupas para tomar banho de mar já existem também há muito tempo! Dêem uma olhada em um traje de banho antigo:



Agora, vamos fazer um jogo da memória com trajes de banho.

- 4) Bola da vez
Com esse jogo, além de brincar, vamos conhecer alguns cuidados para evitar afogamentos.

Capítulo 5



Finalmente chegou o dia de quebrar o meu porquinho. Ele já estava gorducho. Não cabia mais nada dentro dele. Estou falando do meu cofre-porquinho. Com todas aquelas moedas, ia dar pra tomar sorvete de montão. A trabalhadeira ia ser contar tudo aquilo.

Coloquei o porquinho sobre a cama e, com o martelo de madeira de bater carne, quebrei o bichinho. Lá estavam elas: dezenas, centenas de moedas. Umas maiores, outras menores. Comecei a contagem. Eu fazia montinhos com

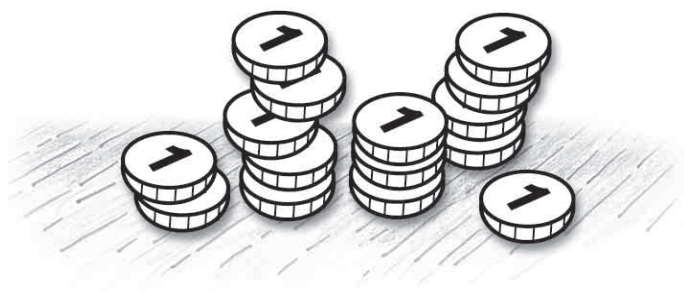
os valores iguais. Tinham umas pequeninas, que resolvi deixar na boca, pra não misturar.

Um, dois, três, quatro, cinco... dez... doze, trinta e dois reais e... um, dois, três...

Nesse momento, a Maria entrou no quarto correndo. Ia pular em cima da cama e estragar tudo. Fui dizer “não”, mas esqueci da boca cheia de moedas e engoli as pequenas. Fui parar no hospital. Foi uma chateação.

O pior de tudo foi ter de agüentar a bronca dos meus pais quando fiquei bom, e os Minúsculos falando no meu ouvido.

Foi um vacilo, cara, um vacilo que quase acabou comigo.



É Hora das Atividades!

- 1) Vocês sabiam que muitas crianças precisam ir para o hospital porque colocam coisas na boca e as engolem sem querer? Só que, dependendo do tamanho do objeto, ao invés de engolir, elas ficam engasgadas e acabam se sufocando.

Hoje, vamos fazer uma cartilha para os pais sobre esse assunto, certo?

- 2) Agora que vocês já esclareceram os pais sobre os perigos desse tipo de acidente, vamos esclarecer as crianças?

Vocês farão um livrinho de história para as crianças pequenas.

- 3) Ar bom, ar ruim

Vamos brincar de “pegar” de um jeito bem diferente?

- 4) Sem ar, nem pensar

Vocês sabem que não podemos viver sem ar, não é mesmo? E já devem ter ouvido falar de acidentes que acontecem por causa de falta de ar. Então, vamos trocar informações com nossos colegas e comprovar que sem ar... nem pensar!

Capítulo 6



— Ele não pode ficar pendurado nesta laje.

()

— Qual é o problema, cara? ()

— Simples, se cair daqui, morre, e nós também.

()

— Você é muito assustado, carinha.

()

- Não tô gostando disso. (_____)
- Querem parar com isso, vocês dois? Coisa chata.
(_____)
- Tá vendo? Você é um chato.
(_____)
- Tudo bem. Eu não abro mais a minha boca. Mas que
isso não tá certo, não tá. (_____)
- Ei, cuidado... nããããããooooooooooooooooooooooooooooo!
(_____)
- Eu sabia que isso não ia acabar bem.
(_____)
- Agora já foi, eh eh! (_____)
- Ai, ai, ai... e agora, eu faço o quê? Chamo quem?
Agüenta firme, tô indo. (_____)

Você consegue identificar de quem são essas falas? Vou dar uma dica. Os personagens são: eu, Pedro; Minúsculo cara feia e Minúsculo sorridente. Se você conseguir reconhecer as falas, posso dizer que você já nos conhece muito bem, e estará preparado para ouvir mais uma aventura do Pedro e seus Minúsculos.

Eu fui com o Luca na casa do amigo dele. Quando a gente chegou lá, foi um tal de:

- Beleza?

– Beleza.

– E aí, mano? – disse o amigo pro meu amigo. – Pronto pra empinar a pipa?

– Vamos nessa – respondeu o Luca.

Eles iam subir na laje da casa do garoto pra colocar a pipa no ar. Não gostei da idéia. Já ouvi tanta gente falar que não se deve subir em laje de casa, e muito menos soltar pipa onde tem rede elétrica. E lá havia as duas coisas: laje e fio elétrico.

Tentei sair dessa na base do “que tal a gente brincar de *skate*?” Mas que nada. Eles já tinham combinado tudo, e começaram a subir na laje por uma escada de madeira toda velha, com alguns degraus quebrados. Fiquei embaixo. Os meninos me chamaram, e quando eu disse que não iria subir, o dono da casa começou a rir e me chamar de babaca. Aí eu subi, né? Mas não toquei na pipa. Fiquei sentado, só olhando, mesmo porque eu tenho medo de altura. Estava lá pensando em como iria fazer pra descer. Subir, tudo bem, era só olhar pra cima. E pra descer? Como ia ser? Bom. Já que estava lá, resolvi curtir a vista. Foi então que os dois de mim começaram a se manifestar:

– Ele não pode ficar pendurado nesta laje – disse o Minúsculo sorridente.

– Qual é o problema, cara? – respondeu o Minúsculo cara feia.

– Simples, se cair daqui morre, e nós também – retrucou o Sorridente.

– Você é muito assustado, carinha – debochou o Cara feia.

– Não tô gostando disso – falou preocupado o Sorridente.

– Querem parar com isso, vocês dois? Coisa chata – disse eu.

– Tá vendo? Você é um chato – provocou o Cara feia.

– Tudo bem. Eu não abro mais a minha boca. Mas que isso não tá certo, não tá – concluiu o Sorridente.

– Ei, cuidado... nããããããoooooooooooooooooooo! – gritei.

– Eu sabia que isso não ia acabar bem – constatou o Sorridente.

– Agora já foi, eh eh! – riu o Cara feia.

– Ai, ai, ai... e agora, eu faço o quê? Chamo quem? Agüenta firme, tô indo – gritei pro meu amigo que estava estatelado lá embaixo.

Não pensei em mais nada, nem no medo, nem na altura, nem na escada quebrada. Desci em dois tempos e cheguei no Luca. Ele mal conseguia abrir os olhos, mas abriu e sussurrou pra mim:

– Tô legal.

Claro que ele não tava legal. O pessoal que viu aquilo correu pra lá. Veio corpo de bombeiros, ambulância, e levaram o Luca pro hospital.

Há certas coisas que a gente só aprende depois que acontece uma besteira.

E eu, de tanto ouvir os dois de mim falando no meu ouvido, já comecei a me tocar de que certas coisas dá pra evitar.

Ontem, eu fiquei sabendo que o Luca morreu.



É Hora das Atividades!

- 1) Leiam novamente a história do Pedro. Que sufoco, hein? Hoje, vocês vão inventar uma história com os personagens: Pedro, o Minúsculo de cara feia e o Minúsculo de cara sorridente. Que tal?
- 2) Agora que vocês já sabem dos perigos de cairmos de lugares altos e nos machucarmos, vamos treinar o que fazer quando isso acontecer. Vamos fazer um teatrinho de mímica?
- 3) Superbingo
Gente, nossa atividade de hoje será um superbingo. Para isso, faremos cartelas bem diferentes.
- 4) Campanha antiquedas
Hoje, vamos pintar cartazes de advertência para evitar quedas e lesões, iniciando uma campanha em nossa escola.

Capítulo 7



Capelinha de melão
É de São João
É de cravo é de rosa
É de manjericão.

São João está dormindo
Não acorde, não
Acordai, acordai,
Acordai João.

Era dia de São João. No alto-falante, tocava a música do santo. No pátio da escola, uma enorme fogueira. Ao redor, barraquinhas de coisas pra comer, beber e brincadeiras. Sempre gostei de festa junina. A gente se diverte muito. Tem quadrilha, pescaria e fogos de artifício.

Sempre ouvi falar que, no dia do santo, a gente pode andar com os pés descalços sobre as brasas da fogueira, que nem se queima. Mas não pode ter medo; se tiver medo, sapeca os pés.

Resolvi fazer a experiência. Tirei os sapatos, pensei no santo e já ia começar a minha aventura, quando ouvi no meu ouvido esquerdo:

– Tá louco, Pedro.

E no meu ouvido direito:

– Vai nessa, meu irmão.

E muito alto, atrás de mim:

– Peeedroooooo!

Era minha mãe que vinha correndo na minha direção. Ela me chacoalhou e disse:

– Você está maluco? O que pretendia fazer?

- Eu ia atravessar a fogueira – respondi.
- Pedro, fogo queima, esqueceu?
- As brasas da fogueira do santo não queimam, mãe!
- Queima, sim.
- Por quê?
- Como por quê? Porque é fogo, e fogo queima.
- Mas no dia de São João não queima.
- Claro que queima, meu filho. Mas vamos esquecer essa história de atravessar o braseiro, porque ele queima sim.
- Mas mãe...
- Então experimenta...

Coloquei o pé de leve sobre as brasas. Veio um calorão... afastei meu pé no mesmo instante e, sem perceber, pisei numa bracinha que estava ao lado. Dei um berro de dor. Nesse momento, os dois de mim desataram a falar:

- Quem brinca com fogo, faz xixi na cama.
- Quem urina no fogo, morre de dor na bexiga.

- Quem cospe no fogo, fica mal dos pulmões.
- Quem queima os cabelos, fica doido.
- Quem apaga fogo com água, perde a sorte.

Minha mãe olhou meu pé e disse:

- Foi uma queimadinha de nada. Esta passa. Vamos! Coloca o tênis.
- Puxa, queimou. Acho que é porque fiquei com medo.
- Vai ver que foi, meu filho. Essa é uma crença antiga e eu a respeito, mas é melhor não arriscar. E se o santo tira folga justo quando a gente resolve atravessar o braseiro? Acho que tá na hora de ir pra casa e dormir.
- Ah! Não. Por quê?
- Porque sim, e acabou.

E com os três falando no meu ouvido, e o meu dedo ardendo, desisti de atravessar a fogueira de São João.



É Hora das Atividades!

- 1) Vocês aprenderam algumas coisas sobre incêndios, mas, se vocês se encontrassem numa situação dessas, saberiam o que fazer? Agora, vamos criar uma peça de teatro mostrando uma situação de incêndio.
- 2) Vocês já aprenderam algumas coisas sobre acidentes com fogo. Mas será que vocês já sabem tudo? Junto com um amigo, façam uma lista das dúvidas que vocês ainda têm sobre esse tipo de acidente.
- 3) Fugindo do fogo
Durante um incêndio, você sabe o que uma vítima deve fazer caso a sua roupa pegue fogo? Saiba que a atitude correta para essa situação é deitar e rolar pelo chão até que o fogo se apague.
- 4) Bate-papo quente
Hoje, vamos reconhecer alguns objetos e situações de risco de queimaduras. Então, fique ligado para não se queimar!

Capítulo 8



Quando a professora dizia pra gente que “a vida vai nos ensinando muitas coisas e que às vezes a gente aprende errando”, eu não entendia bem o que ela queria dizer com aquilo. Mas no dia em que eu quase morri por causa de uma bobagem, eu descobri o que significa o tal do “se aprende errando”.

Tudo aconteceu por causa de um vacilo meu, uma besteirinha. Eu tava com muuuita dor de barriga, ia pro

banheiro toda hora, não tava agüentando mais. Eu tava sozinho em casa, eu, a Lua, e os dois de mim. Aí, resolvi procurar um remédio, que um dia minha mãe me deu pra passar a disenteria.

Acho que nesse dia os dois de mim resolveram tirar folga, porque não ouvi nenhuma voz dizendo isto ou aquilo. Ou talvez a dor de barriga era tão grande que eu nem conseguia ouvir a voz dos Minúsculos. Achei o tal do remédio e resolvi tomar logo umas cinco colheres, que era pra ver se passava logo.

De repente, comecei a suar frio, a dor aumentou, parecia que eu tinha tomado veneno. Fiquei com medo. Consegui ligar pra minha mãe e, quando me dei conta, tinha uma ambulância em casa. O caminho até o hospital foi um filme de terror. A cara dos enfermeiros da ambulância se distorcia, parecia que ia derreter. Minha mãe debruçava sobre mim em câmara lenta, e dava impressão de que ela estava longe, longe. Eu tava aí, mas não tava aí. Estava num outro tempo. Tudo se embaralhava à minha volta. Fiquei com mais medo. Acho que rezei.

Quando eu melhorei, minha mãe contou que tomei um remédio errado e tive uma intoxicação.

Pois é! Acho que é isso que minha professora quis dizer com “se aprende errando”. Olha, nunca mais,

mas nunquinha mesmo, que eu boto um remédio na boca por conta própria! Nem que eu tenha a pior da dor de barriga que possa existir. Agüento firme até algum adulto me ajudar.



Foi assim que aprendi que, às vezes, o santo tira folga, e a gente pode se machucar. Que quem tá na chuva tá pra se molhar. Que água demais também mata. Que andar de bicicleta é bom, principalmente com capacete e muita atenção. Que nunca mais subo em laje de casa, nem coloco moeda na boca. Que se eu já não gostava de tomar remédio, agora gosto muito menos. Que é sempre bom ter uma mãe por perto pra nos lembrar que ainda somos pequenos e sabemos pouca coisa da vida. Que os pais da gente também erram. Que ser criança é bom, mas dá um trabalho! Que, às vezes, o mundo inteiro parece conspirar contra nós. Que é bom ter Minúsculos falando no ouvido da gente. Que na hora do medo, se rezar, ele passa. Aprendi isso e muito mais. Outra hora eu conto mais. Tchau.

É Hora das Atividades!

- 1) Releiam o texto sobre o envenenamento e esclareçam todas as suas dúvidas com o professor. Vocês já aprenderam muitas coisas sobre como evitar esse tipo de acidente, não é mesmo? Agora vocês vão aprender a como agir no caso de presenciar o envenenamento de alguém.
- 2) Leiam novamente o texto sobre envenenamento que seu professor distribuiu na aula passada e conversem com a sua turma e o professor sobre o assunto. Vocês já pensaram em quantas crianças pequenas quase morrem por causa desse tipo de acidente? Então, vamos fazer alguma coisa para ensiná-las a não correrem mais riscos desse tipo?

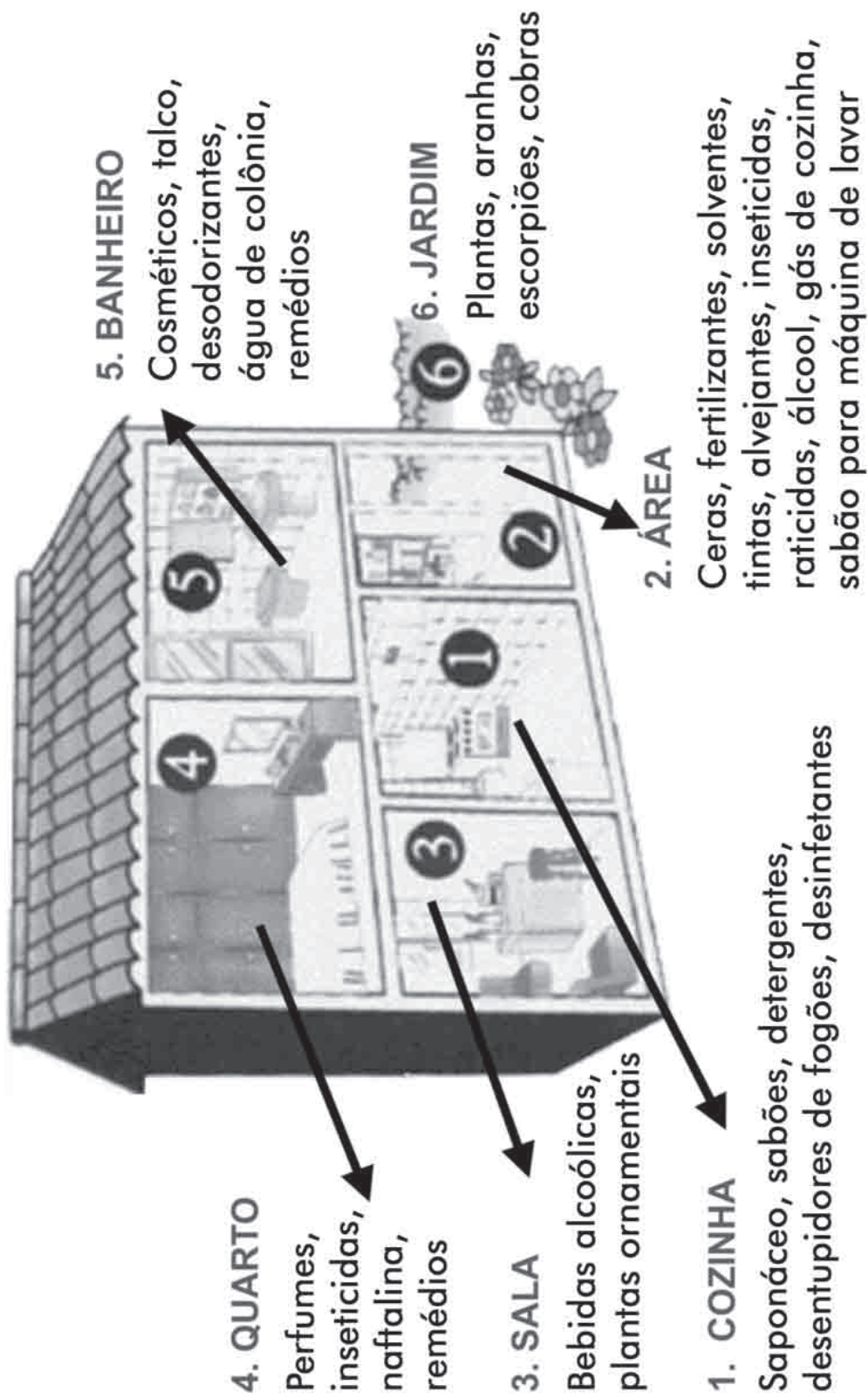
3) Brincando de mímica

Vocês já sabem que existem certos produtos que podem nos intoxicar. Agora, vamos testar nossos conhecimentos sobre esse assunto, usando o recurso da mímica.

4) Buscando ajuda

Gente, hoje, vamos descobrir como proceder em uma situação de intoxicação, buscando a ajuda adequada.

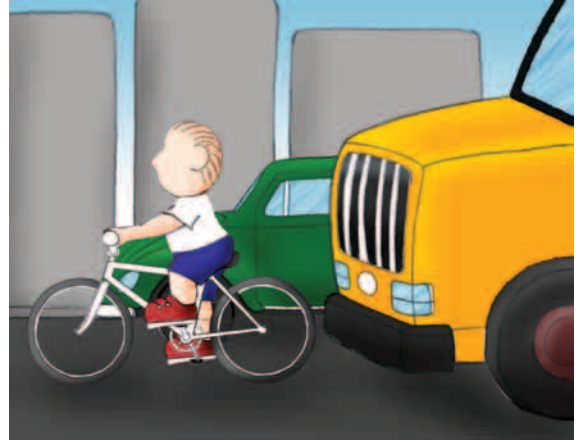
Dinâmica – Intoxicação



Capítulo 3, Atividade 3



Armadilha: _____



Armadilha: _____



Armadilha: _____



Armadilha: _____



Patrocinador do Programa CRIANÇA SEGURA na Escola:

CURATIVOS

BAND-AID®
Johnson & Johnson

Patrocinadores Fundadores:

Instituto General Motors e Companhias do Grupo Johnson & Johnson
Johnson & Johnson, Janssen-Cilag Farmacêutica e Johnson & Johnson Produtos Profissionais

Material elaborado por:



Escritório Nacional
Rua Teodoro Sampaio, 1020
Conjunto 1008
Pinheiros - São Paulo
05406-050

São Paulo (11) 3371.2384
Recife (81) 3223.0598
Curitiba (41) 3023.7070

www.criancasegura.org.br